



Desafio para o crescimento

Juliana Servidoni

O setor sucroalcooleiro no Brasil precisa minimizar os impactos ambientais da atividade para manter a liderança mundial. A rastreabilidade, tão difundida e exigida principalmente por países europeus, chega às usinas, que têm a missão de mostrar que executam ações ambientais e sociais responsáveis. Esse foi um dos temas da 29ª Reunião Anual da Fermentec que debateu também a polêmica envolvendo biocombustíveis e produção de alimentos em São Paulo.

Para o professor da Fundação Getúlio Vargas e ex-ministro da agricultura, Roberto Rodrigues, palestrante do evento, o etanol incomoda as potências ligadas ao petróleo pela sua capacidade de mudar a geopolítica no futuro. "Os países tropicais têm clima favorável para a cultura da cana e nestes locais o etanol vai gerar riqueza", afirma. Em relação à ocupação da Amazônia para o plantio de cana, o ex-ministro foi enfático ao explicar os entraves que impedem a cultura da cana na região.

"Na Amazônia chove quase todos os dias, não há uma logística adequada e existem áreas de agricultura que estão mais perto dos grandes centros para escoar a produção. Tudo isso inviabiliza o processo nesta região", conclui.

Já o professor da Esalq/USP, Carlos Clemente Cerri, ressaltou que o Brasil deve estar atento e tomar atitudes em relação ao problema do aquecimento global, pois a agropecuária é responsável por 25% do produto interno bruto do País. Cerri explicou que a temperatura média no planeta aumentou em 0,76°C. Parece pouco, mas esse ligeiro aumento pode causar fenômenos naturais extremos e imprevisíveis, prejudicando seriamente a agricultura. "Agora, temos o desafio de descobrir quanto a produção do etanol gera de gases do efeito estufa e após essa pesquisa, com tecnologia minimizar os impactos. Temos condições de fazer isso". O presidente da Fermentec, Henrique Vianna de Amorim, procurou sensibilizar os participantes com exemplos que já foram colocados em prática pela consultoria. As mudanças vão desde o labora-

tório ao processo da fermentação. A Fermentec vem substituindo reagentes tóxicos por outros produtos menos nocivos ao meio ambiente. O sacarímetro (produto usado para medir a concentração de açúcar) dispensou o uso de sais de chumbo. O cianeto de potássio, que exige cuidados especiais para ser descartado, não é mais utilizado. Já a coloração do DNA mitocondrial das leveduras agora é feita no gel de agarose, em substituição ao brometo de etídio, um reagente considerado cancerígeno e mutagênico.

A coloração é necessária para facilitar o estudo da levedura. Na parte industrial, a Fermentec desenvolve pesquisas junto a Esalq para aumentar o teor alcoólico na fermentação. Trabalhando com teor alcoólico de 15% é possível reduzir o volume de vinhaça e economizar recursos naturais. "Acredito que conseguimos conscientizar nosso público de que não há outra forma do Brasil conquistar o mundo com o etanol se não houver essa preocupação com todas essas questões ambientais", conclui Amorim.